

Os Mitos Heróicos e a História da Oralidade Grega*

Maria Christina de Caldas Freire Rocha

Résumé:

Nous recherchons les récits des mythes grecs heroïques, de conquête, comme un type de document pour l'historien de L'Antiquité Grecque.

História é uma categoria de saber; criação do espírito grego, aparecida no séc. V a. C., em Atenas; produto de uma cultura letrada; expressa pela escrita e realizada no registro lógico-racional. As obras por ela produzidas tornaram-se “fontes históricas”, os documentos textuais por excelência.

Dentro dos conceitos de veracidade adotados pelos historiadores modernos, não há como se comprovarem os textos gregos antigos. Os historiadores de então não usaram referências documentais para demonstrar a veracidade do que afirmavam. O conteúdo histórico que descreveram, atualmente, pode ser apenas confirmado pela Antropologia Social, pela Arqueologia e pela comparação com outros textos a eles contemporâneos. Alguns apresentam anacronismo como Homero, que pertencendo à Idade do Ferro descreveu a Idade do Bronze e demonstrou não conhecer o período das realezas palacianas institucionalmente. Hesíodo, em *Os Trabalhos e os Dias*, de pouco depois de 700 a.C., não considerou a *pólis* e muito menos o Estado-Políade, que já existia ativo, neste tempo.

Grande parte da cultura grega foi construída pela oralidade, mesmo após a introdução da escrita, que tendo sido adotada por volta do séc. VII a.C., não produziu uma revolução, nem substituiu a tradição oral, em seu valor social. Homero sempre foi indiscutível para os gregos, e continua a sê-lo até hoje, no mundo ocidental, porque sua obra baseou-se em algo conhecido, compreendido e consagrado — na tradição oral.

* O trabalho apresentado é parte da tese de Doutorado *Discurso Mítico e Construção Histórica*, defendida no Depto. de História da UFF, na linha de pesquisa História Social das Idéias na Antiguidade, realizada com o auxílio do CNPq e orientada pelo Prof. Dr. Ciro Flammarion S. Cardoso.

O tecido cultural grego foi construído pela tradição da oralidade e da memória social, a partilhada pelos membros do grupamento humano, que lhes permitiu a reprodução de seus comportamentos sociais, preservados pela linguagem e pela técnica, criando-se o conjunto de conhecimentos a que se chama Cultura, característica das sociedades de tradição oral.¹

Na Grécia a memória social da oralidade não produziu apenas o registro mecânico, ou a reprodução fiel dos acontecimentos de seu passado, mas relatou-os de forma representativa e simbólica. Uma história, que tenha sido transmitida pela oralidade, modificou-se, após algumas gerações, sem que tenha sido atingida a veracidade dos acontecimentos por ela narrados. Há portanto que se distinguir, num relato, os níveis estruturados, que não sofreram variação, e se mantiveram estáveis e os níveis prováveis, os acrescentados, correspondentes ao tempo de cada narrador.² Os níveis prováveis compõem as variantes do relato, e os níveis estruturados, os mais antigos e permanentes, que dão ao relato seu caráter simbólico, transformaram-se no que se dá o nome de mito, vocábulo que a Antropologia Social, à semelhança dos gregos, aplicou às narrativas do passado das sociedades tradicionais. Na civilização grega estes relatos podem ser identificados nos mitos heróicos, que podem apresentar-se como sendo de conquista ou de fundação.

Os mitos heróicos gregos são narrativas estruturadas sobre um fundo histórico, porque são relatos localizados no tempo e no espaço e seu discurso é lógico.

Para os gregos seu passado fora uma “Idade de Ouro” e acreditavam no caráter cíclico do tempo, pelo princípio do Eterno Retorno.³ Os acontecimentos de seu passado foram transmitidos pela tradição oral, que através dos mitos mantinha vivas as realidades do passado.

Esta tradição supriu os relatos dos historiadores, dos poetas, dos logógrafos e dos mitógrafos e manteve o que valia ser guardado por seu valor qualitativo, porque centrado no interior da consciência histórica e cultural do grupo social. O “tempo histórico”, na tradição, era expressado por séries temporais de acontecimentos organizados em genealogias dinásticas. Desta forma a história coletiva foi transmitida pelas tradições reais, pelos rituais do Estado e pelos conselhos políticos das elites, através de seus mitos heróicos.

Só muito recentemente os mitos foram considerados como matéria atinente à história, que passou a utilizá-los junto a referências de historiadores antigos, de cronistas, de poetas, de mitógrafos e de etnógrafos. Até então os mitos eram encarados como dissociados de todo conteúdo lógico-racional; banalizados e servidos por uma linguagem inadequada, sem

qualquer relevância; lidos de forma literal, despojados de todo seu conteúdo simbólico e tratados como o foram as sociedades ágrafas e tradicionais: como inferiores e fora do registro racional. Atualmente os mitos têm sido tratados segundo as transformações epistemológicas havidas no pensamento ocidental, na interpretação e na compreensão do Outro.⁴

Heróis, nas genealogias, eram os filhos e os netos de deuses,⁵ os quais representariam deuses honrados em cultos locais, que teriam sido colocados, hierarquicamente, em condição inferior, ante a preeminência de cultos de outros deuses, tornados mais importantes e de projeção mais ampla, na organização das genealogias divinas, das cosmogonias e das teogonias que se organizaram. Teseu, na Ática, Castor e Pólux, na Lacônia e Idas e Linceu, na Messênia, são exemplos de heróis locais, que conservaram as lembranças das origens das tribos, de seus ancestrais e suas relações, assim como dos acontecimentos de seu passado. Os heróis podiam ser místicos ou históricos, mas seu relato era sempre construído pela mescla entre o real e o maravilhoso, o que não impedia que se considerasse o conjunto como verdadeiro: acreditava-se no relato sobre os deuses ou sobre os heróis, de forma integral, como um conjunto vivo, alimentado pelas tradições antigas.

O interesse pelos heróis cresceu porque, na medida em que estes se foram distanciando dos deuses, mais interessaram os homens. Poetas e ouvintes, sendo homens, identificaram-se com eles, porque representavam um grupo de homens, os de sua terra natal — viviam suas vidas, exaltavam sua força, sofriam suas dores e triunfavam por suas vitórias. Teseu e Hércules, pela natureza das tradições a que estavam ligados, representavam seu povo, em suas lutas, suas alianças e suas aventuras e desventuras comuns. Com o tempo estes mitos passaram a ser agrupados a mitos de outros heróis locais, como se um interesse comum os houvesse reunido na realidade. Isto, à medida em que os gregos passaram a se identificar como uma nação. Um exemplo deste processo são as narrativas sobre as duas Guerras de Tebas e a Guerra de Tróia, no que diz respeito a seus personagens.

Os mitos gregos heróicos representam acontecimentos que se teriam dado na Idade do Bronze, possivelmente em sua última fase, a das realezas, do período palaciano ou micênico,⁶ até recentemente considerado como pré-histórico e ágrafo.⁷ Estes acontecimentos são descritos em relatos compostos no séc. VIII a.C., portanto na Idade de Ferro, em poemas como a *Iliada* e a *Odisséia*, de Homero, e os cíclicos tebanos e troianos, quando se tinha perdido tanto o conhecimento e o uso da escrita Linear B, como a memória das instituições palacianas, e no séc. VII a.C., por Hesíodo,

em *Teogonia*, *Catálogo das Mulheres*, *Os Trabalhos e os Dias* e *O Escudo*. Estes relatos alimentaram a obra dos logógrafos dos séc. VI e V a.C., da poesia trágica, lírica e satírica do séc. V a.C., e a obra dos mitógrafos dos séculos V a.C. a II d.C. Constituem-se nos principais documentos textuais sobre o período das realzas palacianas. Além destes existem os documentos arqueológicos, os epigráficos e os tabletes em Linear B.

Os documentos textuais citados são obras de autores, de tempos e de espaços variados; não apresentam uniformidade em suas descrições, exigindo que se empreguem técnicas variadas, para que possam ser interpretados.

Inicialmente é necessário identificar-se a categoria a que o mito que se estuda pertence. Para isto necessitam-se destacar os episódios principais, que caracterizam a vida e a atuação do herói. Como exemplo pode-se utilizar o mito de Édipo, que se caracteriza principalmente por:

- a. um nascimento maldito;
- b. pela exposição do nascituro;
- c. pelo exílio e expulsão do nascituro exposto;
- d. pela morte do “pai” de sua conquista;
- e. pela vitória do herói sobre um monstro ou flagelo
- f. pela presença da “mãe”, citada ao longo do relato por presença ou referência;
- g. pela realização de uma conquista;
- h. pela aliança com a “mãe”, na realização de sua conquista.

Para a identificação da categoria a que pertence o mito, se utilizarmos o exemplo de Édipo, devem-se procurar outros mitos, que apresentem característica semelhantes ao mito estudado, que pertençam à civilização grega e que sejam ligados à regiões próximas de Tebas. No caso enquadram-se nestas condições os mitos de Perseu, da Argólida e de Télefo, da Arcádia.

Para que se realize este tipo de análise, o mito deve ser encarado como uma estrutura sistêmica. Desta forma torna-se necessário que se estabeleçam seus sistemas, no caso: a linhagem a que pertence o herói, isto é, a localização do herói em sua sociedade de origem, sistema que apresenta um subsistema, *ramo*, que identifica o *status* do herói, em sua linhagem; condições de seu nascimento (exposição e mutilação); exílio (para onde fora expulso e por quê); a morte do rei-“pai”, de sua conquista; a

dominação de um monstro, a presença de uma prova (que no mito de Édipo é o enigma); a tomada do poder-conquista e o casamento-união com a “mãe”. Ao serem comparados, os sistemas dos três mitos, observa-se que, em geral, os sistemas coincidem entre si, mas diferem em alguns poucos temas: todos os três heróis conquistaram reinos, por ações guerreiras: Édipo, o de Tebas, Perseu o de Argos e Télefo, o da Mísia; em todos a “mãe” está presente, ou por participação, ou por referência, nas ações do herói; os três mataram seu “pai”; ou o pai, ou avô, ou os tios maternos e, em todos os três mitos a “mãe” acha-se presente no ato de conquista; em todos três mitos, o sistema “conquista” é permanência. Assim, podem-se identificá-los como mitos heróicos de conquista.

A variedade dos relatos leva à necessidade de se estabelecerem suas permanências, as “partes cristalinas”, a que se refere Marcel Detienne.

Tomando-se como exemplo apenas o mito de Édipo, para que se destaquem estes sistemas permanentes, deve-se estender o número de sistemas, ligados à ação do herói, após sua conquista, como: “casamento”, que no caso representa aliança política. Como produto destas alianças aparece a “descendência-filhos”, isto é, as façções ou grupos que se formaram, como “descendência” de Édipo; a realeza tebana descreve as instituições políticas do governo de Tebas, que podem ser inferidas no discurso do mito; “mutilação-expulsão II”, os acontecimentos havidos após o conhecimento da verdade, em relação à sua conquista e casamento; “exílio-expulsão II” e “morte”, abrangendo-se todos os episódios da lenda do herói e os textos, por tempo, de forma diacrônica, sendo possível identificarem-se aqueles que aparecem, de forma estável, invariável, formando-se o que compõe o Relato Básico do Mito, isto é, os sistemas que representam o verdadeiro significado do mito para os gregos, na Antigüidade, guardados de forma permanente.

Os sistemas excedentes deste conjunto invariável representam o que se considera como as variantes do mito. Considera-se “variante”, a variação de um sistema, entre vários relatos. E “versão” a variação de vários sistemas entre estes relatos. Tem-se portanto, a versão do mito de Édipo dos poetas atenienses do séc. V a.C. e, dentre estes, as variantes de Eurípedes ou de Aristófanes, por exemplo.

Tais variações levaram a que se procurasse o motivo de sua existência. Para explicá-las podem-se comparar, por espaço, as narrativas do mito. Pode-se observar que os textos preservados pertencem à região que predominava politicamente. Tomando-se, mais uma vez, o mito de Édipo, observa-se que entre os séculos VIII — VI a.C., apareceram relatos deste mito na Ásia Menor, no Peloponeso, na Beócia e em Creta. Este período

assistiu à predominância política e cultural da Eólia e da Jônia, na civilização grega. Mesmo assim, na Beócia e em Creta achavam-se importantes centros da arte poética grega: o primeiro ligado ao culto de Zeus e das Musas, cujo centro era Ascra, na Beócia e o segundo na Ásia, em Creta e no oráculo de Delfos, ligado ao culto de Apolo. Estes cultos foram aproximados durante os jogos pan-helênicos e devido à ascensão da importância do oráculo de Delfos. Da Ásia foram originados os poemas homéricos; de Ascra, os poemas de Hesíodo; do Peloponeso e da Ásia os poemas do ciclo tebano e da Ásia, os poemas do ciclo troiano.

No século V a.C. a predominância política, econômica e cultural transferiu-se para Atenas, e daí surgiram a quase totalidade dos textos preservados sobre o mito de Édipo: os dos poetas trágicos e satírico; os textos históricos de Heródoto e Tucídides, e os textos dos logógrafos, que reproduziram em prosa, a temática das Epopéias. Apesar disto podem-se destacar a obra de poetas líricos da Beócia, como Píndaro e Córina, região de origem do mito em questão. No entanto, a predominância dos textos preservados é ateniense.

Durante o período helenístico apareceu um resumo da *Edipodia*, de Quínton, sob o nome *Resumo de Pisandro*, do séc. III a.C.. No entanto Pisandro é poeta sobre quem praticamente nada se sabe, mas é o que se tem preservado, do período.

A partir do séc. II a.C. avultou o poder de Roma, que a partir de então dominou o mundo mediterrâneo, do qual faziam parte a Grécia e as *poleis* gregas da Ásia e do Mediterrâneo Ocidental. Portanto a predominância política pertencia a Roma e a seu Império, do qual faziam parte autores gregos, como Diodoro Sículo, Apolodoro, Ateneu e Pausânias, além de autores romanos, como Higino, Ovídio e Sêneca.

É possível concluir-se que, os textos preservados coincidem com os que pertenceram a regiões que detiveram a hegemonia político-cultural, em seu tempo.

Ao serem analisadas as variantes do mito que se tomou como exemplo, é possível detectarem-se, nos textos de Sófocles, *Édipo-Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*, representações de instâncias atenienses, pela preocupação do autor ao descrever a prepotência do herói. Preocupou-o o destino de uma cidade, governada por um homem que se colocou acima da lei, como parceiro dos deuses, confiado em sua perspicácia, força, inteligência, e no uso da palavra como arma. Enfim, a representação do tirano.⁸

Para que um acontecimento seja histórico é preciso atribuir-lhe tempo, espaço e ação social. Mantendo-se o exemplo utilizado até então, o

mito de Édipo, pode-se atribuir-lhe espaço: Tebas, na Beócia, não só sua cidade-conquista, como a cidade onde nasceu e para onde retornou, tornando-se seu rei; uniu-se à “mãe”-linhagem materna, nasceram-lhe os filhos e morreu, segundo Homero, Hesíodo, Pisândro e Pausânias.⁹

Édipo e seu mito estão inseridos na “Idade dos Heróis”, segundo Hesíodo.¹⁰ As genealogias demonstram que Édipo unificou a realeza tebana e os documentos arqueológicos de Tebas, especialmente o Cadméion, o palácio real, apresenta uma ruptura, em seu arcabouço datada do séc. XIII a.C. e as linhas de fortificação confirmam o que os mitos descrevem quanto às guerras entre Tebas, Argos, Plateia, Corinto, Orcômeno e Atenas. As fortificações da Focídia confirmam o episódio da morte de Laio, por Édipo-Corinto-Platéia. Pode-se, portanto, localizar o reinado de Édipo ao final do período palaciano, apesar de não se poder, com segurança, datá-lo.

A ação social pode ser identificada pela análise das genealogias tebanas, sendo por elas possível perceberem-se a presença de três linhagens: a dos Labdácidas, a dinastia real, e as de Ctônios e de Équion, esta a linhagem materna dos Cadmeus. As últimas funcionaram sempre como tuteladoras da dinastia real, porque grupos militarmente poderosos. A unificação destas linhagens deu-se pela extinção da linhagem dos Ctônios e pela união das outras, inicialmente pela união Laio-Jocasta e finalmente com a aliança Édipo-Jocasta.

Também pelas genealogias podem-se compreender as relações entre Tebas e as realezas a ela contemporâneas. Ao assumir a regência em Tebas, os Ctônios lutaram contra Corinto e contra Orcômeno. Após sua extinção esta linhagem foi substituída pela linhagem materna dos Cadmeus, e as lutas contra Orcômeno continuaram, o que fez Creonte acolher um ramo nobre de Micenas do qual emergiu Hércules e os heráclidas, que venceram a guerra por Tebas. Além de Orcômeno, outro inimigo de Tebas foi Atenas, que desde o tempo de Lábdaco disputava a fronteira com Tebas,¹¹ e ao sul da Beócia. E Teseu invadiu Tebas após a Guerra dos Sete contra Tebas.¹²

A mais importante das guerras foram as travadas pelos “filhos de Édipo”, que mobilizaram as realezas contemporâneas. “Polínicos” facção-filha de Édipo expulsa de Tebas, por “Etéocles”, uniu-se ao rei de Argos, à facção “Tídeu”, expulsa da Etólia, à Micenas, à Messênia e à Arcádia. Portanto importantes realezas do Peloponeso e duas facções expulsas, de Tebas e da Etólia. “Etéocles”, outra facção-filha de Édipo uniu-se a Creonte, usurpou o poder, e se aliaram aos Flégios, aos Mínios de Orcômeno e à Focídia. Além destas houve a facção “Édipo-Antígona”, que se uniu a

Teseu, da Ática. Tal luta foi a que se chamou Sete contra Tebas, perdida por Argos. Dez anos depois, os filhos dos que guerrearam retomaram a “Guerra dos Epígonos”, terminada pouco antes da guerra de Tróia. Esta guerra redundou na derrota e destruição de Tebas, que passou ao domínio dos beócios.

Os documentos textuais (míticos) e os arqueológicos permitem a reconstituição do quadro geral das relações político-militares interna e externa, no que se refere ao mito de Édipo, processo que pode ser utilizados para a análise de outros mitos heróicos, pela possibilidade de formulações de séries contínuas de acontecimentos em suas narrativas.

Segundo Carlo Ginsburg é possível considerarem-se os acontecimentos, em suas relações recíprocas, e resumi-los em uma imagem geral, sem a conformação de um encadeamento cronológico,¹³ na forma de um mito heróico grego, representando a imagem dos acontecimentos havidos nas realidades gregas, na Idade do Bronze, na Grécia. Os personagens não são históricos, porque são míticos, simbólicos; históricos são os acontecimentos nos quais acham-se inseridos os personagens, de forma representativa, simbólica.

Notas

¹ DETIENNE, Marcel. “Epistemologia dos mitos”. In: *Grécia e Mito*. Lisboa: Ed. Gradiva, 1988, p. 55.

² Idem. p. 58.

³ PLATÃO. *República*, VII.

⁴ DETIENNE, Marcel. *La Invención de la Mitología*. Barcelona: Ed. Península, 1985, p.p. 11 e seq.

⁵ CROISSET, Alfred e CROISSET, Maurice. *Histoire de la littérature grecque*, I. Paris: Boccard, 1928, p. 83.

⁶ VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do pensamento grego*. São Paulo: Difel, 1972, caps. I e II, p.p. 9 -25.

⁷ A escrita Linear B foi decifrada na década de 50.

⁸ Rocha, Ma Christina de C. F.. O discurso político no Édipo-Rei, de Sófocles, in CULTURA GREGA CLÁSSICA. Porto Alegre: U.F.R.G.S., 1989, p.23 e seq.

⁹ HOMERO. *Iliada*, XXIII, 677-9; HESÍODO. *Catalogo de las Mujeres*, 192; PISANDRO. *El Resumo de Pisandro* e PAUSÂNIAS, *Description of Greece* I, 28-9 e 30-4.

¹⁰ In: *Les travaux et les jours*, 163.

¹¹ APOLODORO, III, 14, 8.

¹² EURÍPIDES. *As Fenícias*, pass.

¹³ GINSBURG, Carlo. *História Noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 27.